



Em busca de justiça



O out-door com a frase "Jamais ficar de joelhos" define o espírito da revolução sandinista

Pablo Piacentini

Ao longo dos últimos 20 anos o mundo foi testemunha de fatos transcendentais que mudaram a geografia política e o curso da história. No entanto, nenhuma das grandes decisões que se tomaram neste período esteve dirigida a corrigir as grandes desigualdades econômicas entre o Norte e o Sul do planeta

Nos últimos vinte anos, a desigual distribuição da riqueza entre o Primeiro e o Terceiro Mundo tem se agravado constantemente, enquanto se acentuam a concentração do poder de decisão nos países mais industrializados e a marginalização das nações subdesenvolvidas.

Um estudo do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) mostra que nas últimas três décadas o fosso que separa ricos e pobres dobrou de tamanho. Hoje, a renda dos 20% mais ricos da população mundial é 150 vezes mais elevada que a dos 20% mais pobres.

O mais grave é que este processo prosseguirá no futuro, já que, por um lado, não existe a vontade de se adotarem medidas para corrigir esse rumo e, por outro, as políticas postas em prática recentemente em favor da liberação do comércio mundial estão destinadas a acumular mais vantagens para o Norte.

Um diálogo esquecido - O fato que mais se destaca nesta realidade é a negativa das nações ricas em participar de um projeto já praticamente esquecido, a chamada Conferência Norte-Sul. Trata-se de uma iniciativa dos anos 70 que, sob o lema de uma Nova Ordem Econômica Internacional, refletia as aspirações dos países subdesenvolvidos: transferência de recursos e tecnologia para respaldar o desenvolvimento dos países do Sul, junto com medidas favoráveis para valorizar seus produtos e recursos naturais.



Nos anos 70, o aumento dos preços do petróleo havia inclinado alguns setores do Norte a discutir alguns daqueles temas. Mas prevaleceu entre os países industrializados a rejeição a esta iniciativa e a Conferência foi, de fato, arquivada.

Nestas últimas duas décadas não se registrou nenhum outro projeto que se propusesse a reduzir as sempre maiores disparidades entre Norte e Sul ou assumisse de algum outro modo os interesses globais do Terceiro Mundo.

Muito diferente foi a sorte de outra grande iniciativa deste período: a Rodada Uruguai para a liberalização do comércio mundial. O êxito desta iniciativa interessava muito às nações industrializadas, as quais durante sete anos não mediram esforços e venceram todas as resistências e dificuldades até conseguir em abril deste ano a aprovação de um acordo que, em termos gerais, atende aos seus interesses.

Sem dúvida, os resultados desta negociação multilateral, realizada no contexto do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (Gatt), incluem aspectos positivos. Por exemplo, estima-se que a ampliação do intercâmbio e as novas atividades econômicas geradas em consequência acrescentarão 755 bilhões de dólares anuais ao produto mundial.

Mas a divisão "desse bolo" será muito desigual e o grosso dos dividendos se encaminhará para a Europa Ocidental, Estados Unidos e o Japão. No caso dos países mais pobres, especialmente da África, as estimativas indicam que os prejuízos serão maiores que os benefícios, sem que tenham sido estabelecidos mecanismos de compensação.

E como o conceito que os países do Norte têm do livre comércio é seletivo - quer dizer, aplicável só nos aspectos que lhes convém - conseguirão manter o protecionismo nos setores em que os países do Terceiro Mundo podem concorrer com eles, especialmente nas áreas de produção de alimentos e de têxteis. Por imposição dos países do Norte, estas duas áreas não estavam contempladas nos acordos do Gatt e, embora ao longo da Rodada Uruguai tenham feito algumas concessões, continuam recorrendo a barreiras protecionistas.

A Rodada Uruguai provavelmente pode ser considerada como o último grande passo para o mercado mundial único e como o empurrão final em um processo irreversível. No futuro próximo, a tendência é generalizar-se os acordos para a livre circulação das mercadorias e dos capitais.

Universalização do capitalismo - Paralelamente, têm se propagado nestes últimos anos os processos de privatização de empresas públicas, de redução do âmbito estatal e de chamada desregulação do mercado. E depois do fracasso do comunismo e da dissolução da União Soviética, o capitalismo já não tem antagonistas e tem se estendido à totalidade do planeta, incluindo a China, que

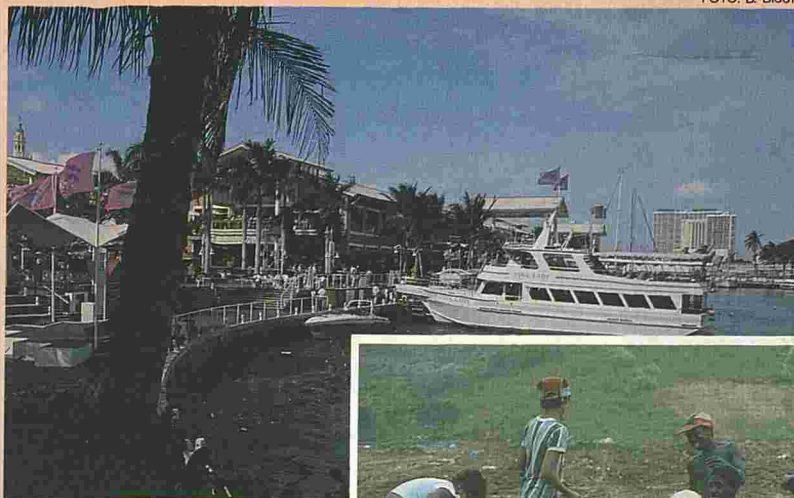


FOTO: B. BISSIO



FOTO: C

"O capitalismo torna mais ricos os que eram ricos e mais pobres os que já são pobres"

tem liberalizado sua economia apesar de conservar a organização política própria de um regime comunista.

Este é o panorama que nos apresenta o futuro: a universalização do sistema capitalista e a ampliação do livre comércio. Com relação à atual etapa do capitalismo, cuja principal característica é seu caráter desenfreado, é provável - além de desejável - que, com o passar dos anos, se incorporem elementos de economia mista e de assistencialismo, de maneira que a intervenção pública e social sirva de paliativo a seus excessos.

Mas isto valerá particularmente para as esferas nacionais, pois será difícil - como indica a experiência - que o mesmo conceito de moderar os efeitos do capitalismo liberal se aplique às relações econômicas internacionais e mais ainda à dimensão Norte-Sul.

"O mercado único mundial faz com que os países em desenvolvimento percam oportunidades econômicas no valor de 500 bilhões de dólares ao ano, ou seja, 10 vezes mais do que recebem através da assistência externa", revelou outro estudo do Pnud.

Como se sabe, um capitalismo sem regras enriquece os que já são ricos e empobrece ainda mais os já pobres. Como está acontecendo, com maior intensidade no âmbito Norte-Sul que nas esferas nacionais; e tudo leva a crer que este processo prosseguirá, agravando-se, até o momento em que se decida intervir para corrigi-lo.

Esta tem sido e continuará sendo a razão de ser de **cadernos do terceiro mundo**: somar sua voz - uma entre muitas - para denunciar uma ordem mundial cruel e defender a introdução de critérios de justiça nas relações Norte-Sul.

O fato de que a equidade nas relações internacionais esteja hoje mais distante do que há vinte anos só pode nos estimular a continuar por este caminho e tentar tornar mais eficiente nosso trabalho de denúncia.